

EXPRESSÕES E EXPERIMENTOS

Viagem encantatória: os trabalhadores de Sebastião Salgado e o momento decisivo

*Simone Mesquita**

Introdução

Segundo Boris Kossoy (1989), a bibliografia internacional da História da Fotografia ainda se ressentir de uma discussão em nível de método, com o objetivo de colocar em cheque aquelas abordagens clássicas...

Isto só será possível à medida que surgirem novos enfoques metodológicos no tocante ao objeto de estudo, novas e sugestivas questões e novas histórias e monografias que busquem interpretações do fenômeno fotográfico no contexto da história da cultura de cada povo, de cada sociedade em particular (KOSSOY, 1989, p.84).

Nesse ponto, é necessário lembrar da posição do fotógrafo como agente modificador, onde o resultado final depende da bagagem cultural, sensibilidade e criatividade. A fotografia seria então um conjunto, constituído do assunto, da tecnologia e do fotógrafo, inseridos num determinado tempo e espaço.

Ao apontar sua câmara para o tema da imagem, o fotógrafo seleciona fragmentos de realidade. Nesse processo de seleção, há uma escolha que passa necessariamente pela forma como o fotógrafo interpreta a realidade, existindo uma participação ativa do sujeito produtor da imagem (BITTENCOURT, 1994, p.233).

Assim, Bittencourt (1994), conclui que a fotografia é o resultado do olhar do fotógrafo e seu significado é consequência da interpretação dada pelo espectador.

Em entrevista com Evandro Teixeira ², fotógrafo do *Jornal do Brasil* desde 1963, aproveitamos a sua vasta experiência para inferir dados principalmente sobre a posição do fotógrafo diante do assunto, o resultado desse olhar. Evandro acredita que o período da ditadura militar no país foi um dos momentos mais ricos para a fotografia brasileira, pois a censura não sabia fazer uma leitura visual da fotografia, limitando-SE apenas a uma interferência feroz ao texto

ou na realização da imagem no momento do ocorrido (protestos públicos, intervenções policiais etc.). Assim, a fotografia teve grande importância crítica no movimento de 64.

Para Evandro, o advento da computação facilitou a divulgação da fotografia, possibilitando o envio da imagem quase imediatamente após a sua produção. Além disto, com os programas atuais se pode “limpar” tais imagens. No entanto, é terminantemente contra qualquer manipulação, pois o leitor nunca pode ser enganado.

Em seus trabalhos especiais utiliza a Leica com filme preto e branco. Ao ser questionado sobre Bresson responde sorridente – “Quem não copiou Cartier Bresson?”. Considera os estilos de Sebastião Salgado e Cartier Bresson diferentes, porém chama a atenção para o momento decisivo, considerando a foto de Salgado no instante do atentado à Reagan como esse momento. Cita sua própria foto, na qual três grandes músicos brasileiros encontram-se reunidos deitados em uma mesa de botequim.

Foto: Evandro Teixeira



Figura 1: Chico Buarque, Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Rio de Janeiro. 1979.

Para ele, hoje é diferente, porque Salgado a partir de seus projetos, vive construindo uma história. Aliás, o próprio Salgado, ao escolher sua fotografia do século,¹ indica a do Zeppelin explodindo no ar, que também pode ser um bom exemplo desse momento decisivo.

Foto: Life / PPCM.



Figura 2: O Zeppelin Hindenburg. New Jersey. 6 de maio de 1937.

Aproveitamos ainda a oportunidade dessa conversa para um último questionamento sobre o famoso carisma do brasileiro. Evandro Teixeira concordou com a autora que o brasileiro consegue certamente chegar nas pessoas mais facilmente e Salgado, embora morando na França há muitos anos, ainda retém um olhar essencialmente nacional, acompanhado em suas viagens por esse tão especial “jeitinho brasileiro”.

Ao nos voltarmos para a obra de Salgado, associando imagem/texto expostas no livro “Trabalhadores”¹, chegamos a um ponto comum de entendimento entre o autor e o espectador no sentido de perceber sua obra como um resgate das formas de trabalho no mundo que, aparentemente, tendem a se extinguir, mas que através

do seu registro podem ser revistas à luz de uma arqueologia destas imagens. Hoje, a fotografia vem se constituindo, cada vez mais, numa ferramenta importante para a compreensão científica, em particular, no campo das ciências humanas. Segundo Medeiros “não é necessário recorrer às estatísticas para comprovar que, nesta segunda metade do século XX, a imagem constitui um dos fenômenos culturais mais importantes do meio ambiente contemporâneo” (MEDEIROS, 1998, p. 29).

O último trabalho de Sebastião Salgado, reproduzido em parte num programa recente da GNT – “O espectro da Esperança”, mostra o movimento de populações no mundo, no qual Ruanda tem papel de destaque. Salgado já havia estado nas plantações de chá em Ruanda como economista em 1971. A produção ia bem e o país estava em desenvolvimento, não eram pobres, tinham encontrado um termo de equilíbrio. Até tirar as fotos de 1994, Salgado acreditava na evolução, numa evolução que ia de vento em popa, porém, após registrar aquelas imagens, começou a se questionar sobre seu conceito de evolução. A evolução pode ser qualquer coisa, pode ser qualquer direção da inclinação, onde podemos evoluir negativamente, caminhando para a morte, em direção ao ponto final, a um fim brutal, onde também podemos nos adaptar a isso. Salgado questiona se a verdadeira inteligência dos homens, da humanidade, não estaria na sua capacidade de adaptação. Essas pessoas começam a se adaptar à morte. Sebastião acredita que se desejamos sobreviver como espécie, temos que tomar o rumo certo, escolhendo outro caminho, porque o que ele vê em suas fotos, é que essa não é a maneira apropriada, não é o modo correto. Em Ruanda havia 4 mil mortos por dia devido ao cólera ou infecções.

Sebastião Salgado, para fazer suas imagens, transformou-se num cidadão do mundo. Viajante por excelência, incorporou em sua obra a iconografia da viagem e da fuga. Toda viagem ultrapassa fronteiras compreendendo significações e conotações complementares ou mesmo contraditórias.

A história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade, compreendendo tribos e clãs, nações e nacionalidades, colônias e impérios, trabalham e retrabalham a viagem, seja como modo de descobrir o 'outro', seja como modo de descobrir o "eu". (IANNI, 2000, p. 13).

A viagem serve como parâmetro comparativo, levando-nos a uma reflexão sobre a realidade social, alterando o significado do tempo e do espaço. Toda viagem busca o desconhecido, a surpresa e/ou o deslumbramento. A vivência do "estar presente" não pode ser substituída por relatos de terceiros ou por leitura de livros. A viagem nos conduz a um conhecimento sempre novo.

Segundo Ianni (2000), aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa. A viagem é também sempre passagem. Ortiz (1996) faz um paralelo bastante interessante neste sentido, quando aproxima a viagem dos ritos de passagem, ressaltando o aspecto da separação, no momento em que se experimenta uma "outra" realidade, carregando as marcas desta iniciação vida afora.

No caso de Salgado, suas viagens certamente transformaram-no, inserindo, a cada retorno, novas leituras no seu modo de "ver". Em alguns casos, talvez de tão marcantes, tenham servido mesmo como ritos de passagem. O viajante é um estranho que atravessa territórios alheios, participando da vida "do outro". "A cultura popular, na sua espontaneidade, na sua ingenuidade não pode estar contaminada pela arte culta para existir. Sua veracidade é fruto desta separação... daí o interesse dos românticos pelas viagens pitorescas". (Ortiz, 1996, p. 37). Para estes românticos, a cultura popular, devido à sua heterogeneidade e descontinuidade espacial, poderia ser integrada pelo movimento da viagem.

Para Ortiz (1996), a modernidade-mundo, transforma os costumes, nos apontando um padrão civilizatório mundializado, onde a noção de viagem encontra-se comprometida, deixando de ser um obstáculo físico para o deslocamento, reduzindo os riscos do desconhecido. No filme "O Turista Acidental", do diretor Lawrence Kasdan, de 1988, o personagem principal faz roteiros para

viajantes, nos quais estes possam se guiar através da identificação das similaridades em relação ao seu local de origem. Para Ortiz, a aventura é um deslocamento no espaço, se realizando em terreno distante da vida ordinária. Arte e aventura assim partilhariam a mesma tendência: serem radicalmente “estranhas” às evidências do dia-a-dia, porém o autor segue num questionamento se esta alienação seria possível quando o outro se dissolve na proximidade.

Salgado, em suas viagens, nos revela imagens de trabalhadores de várias partes do planeta que se aproximam não por esta modernidade-mundo, e sim pelo ato do trabalho.

A viagem ainda continua a ser encantamento. Como parte da investigação “arqueológica”, a recuperação das técnicas, contexto e motivações de Salgado permitem reconstruir uma faceta extraordinária da sociedade do final do século XX, numa pesquisa que utiliza fontes não-convencionais da leitura deste tipo de imagem. Nas fotografias de Salgado existe um elo de reconhecimento através do trabalho, o trabalho heróico e e anônimo, registrado pelo momento do clique da foto.

Notas

*Bacharel em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá, mestre em História da Arte pela Escola de Belas Artes, doutoranda em Antropologia da Arte pela EBA-UFRJ. Trabalha no Museu Nacional desde 1985 com Arqueologia, exposições e restauração.

¹Evandro Teixeira nasceu na Bahia e começou sua carreira de fotógrafo em 1958 no jornal Diário da Noite, no Rio. Cobriu os principais episódios políticos, sociais e esportivos do país e no exterior, como por exemplo o golpe militar no Brasil, visitas internacionais de presidentes e Copas do Mundo. Fez diversas exposições e hoje seu trabalho é vendido em galerias de arte nos Estados Unidos.

²No início de 2001, vários fotógrafos foram convidados a eleger sua fotografia do século. Cartier Bresson escolheu a foto de autor desconhecido datada de 1911, retratando o revolucionário mexicano Fortuno Sorano diante de um pelotão de fuzilamento displicentemente fumando um cigarro.

³SALGADO, Sebastião. *Trabalhadores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário Antropológico/92**. Rio de Janeiro, 1994.

IANNI, Octávio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Série Princípios, 1989.

MEDEIROS, Rogério. Signos e Representações: Apontamentos sobre um Estudo da Imagem. **Anais do 6. Encontro do Mestrado em História da Arte da UFRJ**. Rio de Janeiro, 1998.

ORTIZ, Renato. **Um Outro Território: Ensaio sobre a Mundialização**. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Abstract

This study deals with photography exemplified by the project of Sebastião Salgado about workers and elaborates some considerations on the decisive moment of the click and the travel, which changes and updates “ways of seeing”.

Keywords: photography, image, workers, travel.